

COLCHA DE RETALHOS: A TESSITURA DE PRÁTICAS SOCIAIS DE MULHERES VELHAS NA CIDADE DE BELÉM.

Andréa Mello Pontes

Doutora em Antropologia Social pela Universidade Complutense de Madri – Espanha. Professora do Mestrado de Comunicação Cultural e Linguagem da Universidade da Amazônia -Unama

RESUMO: A construção social da velhice em uma cidade de âmbito amazônico (Belém do Pará) foi o foco da pesquisa que desenvolvi no período de 2002 a 2004 a partir da qual, apresentarei algumas reflexões no presente artigo. A costura do objeto de estudo da pesquisa evidenciou a relação entre a construção da velhice como um processo sócio-cultural e a experiência que um grupo de mulheres vivenciou no programa de extensão “Universidade da Terceira Idade – Uniterci” na Universidade Federal do Pará – UFPA. Esta experiência pôs em relevo uma maneira específica que um grupo de mulheres construiu para viver a velhice que está relacionada a alguns aspectos: os novos espaços de sociabilidade criados na cidade de Belém para pessoas velhas, as redefinições de papéis sociais que elas vivem nas relações familiares, as novas possibilidades que as mulheres conquistam na sociedade contemporânea e, todos esses aspectos conectados com a maior visibilidade da velhice como problema social.

PALAVRAS CHAVE: construção social da velhice; envelhecimento; mulheres velhas.

Introdução: a tessitura do estudo.

A cidade de Belém aparece neste estudo como um campo de possibilidades para novas vivências para pessoas velhas, ou seja, tem uma dimensão sociocultural e se constitui em um espaço para formulação de projetos que são condutas organizadas para alcançar finalidades específicas (Velho, 1999a) neste caso, finalidades vinculadas à participação das pessoas idosas nos novos espaços de sociabilidade produzidos em Belém. A concepção de projeto nos impediu, por tanto, de separar as trajetórias e biografias das mulheres velhas de seus quadros sociohistoricos e ainda assim, conservar a observação das peculiaridades e singularidades vividas pelo grupo de pessoas estudadas.

Com base na concepção de Campo de possibilidades e Projetos de Gilberto Velho (1999b) foi possível conectar as experiências das mulheres velhas com a mobilização que havia em Belém para evidenciar a velhice como Problema Social (DEBERT, 1998). Na mobilização encontrada nos primeiros anos do presente século, estavam envolvidos instituições, atores e agentes que teciam os espaços onde estas mulheres construíram suas práticas sociais como pessoas idosas.

Como havia um campo de mobilizações em Belém em torno da construção da velhice como problema social foi importante elucidar teoricamente a noção de problema social com a qual observávamos a realidade estudada. Tomamos como referencia a concepção de Remir Lenoir que Guita Debert (1999) utiliza para diferenciar a velhice como problema social da concepção de velhice como um “problema para a sociedade”.

Para que a velhice seja reconhecida com problema social Debert (1998) diz que é preciso que haja reconhecimento da questão, ou seja, que a mesma ganhe visibilidade pública. Para ter visibilidade pública é preciso que haja uma mobilização de modo que o problema se consolide em um campo de preocupações do momento. A mobilização só é possível quando existe pressão de novos atores sociais tencionando a sociedade (indivíduos e instituições), e quando estes aparecem como porta vozes de denúncias e divulgação pública.

Os novos atores, instituições e indivíduos dão expressão às novas definições de velhice e levam-nas ao conhecimento público. Por tanto reconhecimento, mobilização, pressão e expressão são efetivamente importantes práticas sociais que em Belém deram lugar a cidade como um campo de possibilidades no qual velhos e velhas construíram experiências que se consolidaram como novos projetos para a vivencia da velhice. E a Universidade da Terceira Idade, em Belém, se constitui num espaço em que novas definições de velhice são construídas entre a prática de pessoas velhas e o conhecimento produzido na Universidade.

Do ponto de vista da concepção de velhice foi importante considerar, como o envelhecimento biológico ou a idade legal se configurou em mecanismo de classificação e de separação dos seres humanos, e identificar os meios que a sociedade encontrou para classificar e categorizar os velhos e velhas instituindo práticas sociais, criando lugares e espaços de sociabilidade e expressões sociais de formas de viver a velhice como uma etapa do curso de vida.

Segundo Guita Debert (1998) para a investigação antropológica é importante ter em conta quem são os agentes implicados na luta em torno das novas definições de velhice, que tipos de arma utilizam, e que estratégias põem em ação, como definem as relações de forças que estabelecem. Quais são representações dominantes na organização de práticas legítimas associadas à definição das idades E como a partir delas se definem comportamentos corretos ou adequados; como os indivíduos de mais idade, vivendo em condições distintas, reelaboram essas representações e redefinem novas práticas.

Teresa San Román (1979) diz que é fundamental compreender as pautas comuns presentes nas vidas das pessoas idosas, se é que elas existem, e a variabilidade evidente na posição de status das pessoas idosas e o trato que recebem. As atitudes que são desencadeadas dos status, a forma de conceber a velhice, a forma que têm de ver a si mesmos, sua intenção de se adaptar a velhice, as estratégias que desenham e os meios com os quais contam para realizar as pautas de vida, estes são aspectos fundamentais para a análise antropológica nos contextos históricos onde vivem as pessoas idosas, que vivem as mesmas etapas, na mesma sociedade, porém de forma diferente.

Aqui não se pretendeu resolver um problema social, mas, compreender a forma como um problema social está constituído e o conjunto de representações que orientam as práticas destinadas a solucioná-lo. O Trabalho do antropólogo implica na ruptura com as definições do fenômeno socialmente instituídas. Debert (1999) diz que para entender essas questões é preciso com determinação e persistência identificar as redes de relações, de valores, e de práticas que dificilmente são identificadas no papel, e exigem o treinamento e familiaridade com o que, o antropólogo trabalha o princípio da reciprocidade e com a dimensão cultural quando analisa práticas que poderiam se explicitadas como fruto de cálculos racionais.

A explicação interpretativa é a forma de compreender que se concentra no significado que as instituições, as ações, as imagens, os eventos e os costumes, ou seja, todos os objetos que normalmente interessam aos cientistas sociais têm para seus proprietários Geertz (2000)

As histórias de vida como método de pesquisa nos convidaram a revisar interpretações, a desenvolver novas hipóteses e encaminhar novas investigações de modo a refinar novos conceitos. Por tanto, falar de história de vida é também, estar orientado por uma concepção teórica de curso de vida que dissolve as idades como referencia para a periodização da vida moderna.

A noção de geração passa a ser uma combinação heurística estratégica para a compreensão do curso de vida, na medida em que não é vista como etapas intra-familiares, mas como as experiências extra familiares e mudanças de experiências coletivas de determinados grupos causadas por mudanças sociais em que os grupos que são ativos na direção das mudanças de comportamento, são produtores da memória e da construção da tradição.

O estudo inicial da mobilização de Belém foi um momento em que pude apreender muito da superfície das coisas, momento em que pude ser *mundiada pela realidade* e ver a construção da visibilidade pública da velhice e das pessoas velhas como cidadãos de direitos que também são representadas em todo Brasil com a construção de leis, de políticas públicas, e reconhecimento da importância aumento do número de idosos no território nacional.

A Uniterci aparece como núcleo fático (Lisón) que já tinha, em 2002, quase 15 anos de trabalho com pessoas idosas. Fiz ainda, pesquisa documental e nela identifiquei a predominância de mulheres inscritas nas turmas da Uniterci (de 90 a 2002). Nos diversos eventos que participei (conferências, passeatas, encontros de pessoas idosas), realizei entrevistas, conversas informais, fiz observação da forma como as pessoas idosas criavam estratégias de participação social. Dentro da Uniterci, fiz entrevistas em profundidade e logo história de vida, entendendo a composição do curso de vida como campo de investigação da sincronização da vida.

No artigo o tema será abordado da seguinte maneira: no primeiro item: O alinhavo teórico abordará o fio condutor teórico de autores fundantes de um discurso sobre velhice e sua institucionalidade. No segundo item: Retalho de vida de mulheres dará ênfase como a história de vida de mulheres velhas e suas novas práticas sociais como campo de observação etnográfica. E no terceiro item: Desde o portão a sala de aula a trajetória de mulheres velhas na universidade da terceira idade, serão apresentadas as principais práticas que elas construíram na Uniterci e que mudaram sua forma de envelhecer.

Item I- O alinhavo teórico

É interessante falar que na construção deste trabalho alguns autores - no sentido em que coloca GEERTZ (2002) como construtores de discursividade-, foram indispensáveis num diálogo criativo entre aprendiz e produtores de um saber que, ao mesmo tempo em que alimentava as dúvidas, jogavam luz nos

caminhos escuros da realidade por ser revelada. Usei suas reflexões como matéria-prima das minhas reflexões; fiz um diálogo aberto e amplo com muitos autores que me ajudaram a aprofundar o fazer antropológico, a compreender a velhice, e a navegar pela a Amazônia.

Entretanto, acredito que neste momento do trabalho não cabe expressar todos os diálogos que fiz ao longo deste percurso, mas, parece indispensável falar onde e quando os “autores parceiros” me ajudaram a caminhar este trajeto.

GEERTZ (1997, 2000, 2001, 2002,)), evidencia que o estudo interpretativo da cultura representa um esforço para aceitar a diversidade entre as várias maneiras que os seres humanos têm de construir suas vidas no processo de vivê-las, criando significados, que através de instituições, ações, imagens, locuções, eventos e costumes, tecidas para seus proprietários. Baseado nesses dois autores referidos anteriormente.

No Brasil, VELHO (1987, 1994, 2003), ajudou-me a compreender a feitura de uma pesquisa em sociedades complexas, mostrando que no Brasil, embora existam alguns antecedentes importantes, foi no início dos anos 1970 que de modo mais sistemático se incorporou a cidade ao campo da investigação antropológica. Esse movimento significou uma mudança em relação aos eixos de preocupação até então dominantes, que eram, a etnologia, as relações interétnicas e o estudo de grupos camponeses e /ou de situações tradicionais como os que constituíram o objeto de estudos de comunidades

Nessa linha então, o próprio objeto de estudo inserido na cidade, impôs a necessária investigação do sistema de redes de relações que nela se constroem, “observando o familiar” e desafiando o antropólogo a desnaturalizar noções, impressões, categorias, classificações, que constituíam sua visão de mundo no exercício de certo distanciamento.

Velho (1999) contribuiu neste estudo com dois importantes conceitos: *projeto e campo de possibilidades*, mostrando que o primeiro não é um fenômeno puramente interno e subjetivo, ao contrário, formulam-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente tanto em termos da própria noção de indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes.

DEBERT (1986, 1999) contribuiu de modo singular, com a discussão do lugar que a *história de vida* ocupa entre os métodos qualitativos de análise, enfatizando que a coleta de dados orais, neste tipo de pesquisa, é praticamente insubstituível, diz a autora: “*que a história de vida e os métodos qualitativos, de uma forma geral só têm sentido na medida em que nos propomos a discutir certos conceitos tidos como definitivos pelas ciências sociais, ou certos pressupostos através dos quais os grandes processos sociais são sempre explicados*”. E assim, histórias de vida e relatos orais, ainda segundo DEBERT: fazem convites irrecusáveis para rever interpretações, desenvolver novas hipóteses e encaminhar novas pesquisas de forma a refinar os grandes conceitos explicativos e seus pressupostos. Porém, mais decisiva ainda foi a contribuição da mesma autora ao se referir a um balanço crítico por dentro da própria antropologia das perspectivas de pesquisas, mais especificamente sobre a velhice. Considero que DEBERT aponta baseado em GUEERTZ, que uma etnografia do pensamento moderno é um projeto imperativo mostrando o interesse do instrumental antropológico no estudo dos cientistas ou dos acadêmicos, de modo a descrever como eles organizam seu mundo de significados e também o mundo em que esses significados ganham sentido.

Mas é também um projeto imperativo politizar o debate nesses domínios que reagem veementemente a qualquer tentativa de politização (DEBERT, 1999). Nesse modo de pensar está o papel do antropólogo, na “invenção da realidade”, e na reinvenção de sua própria prática, enfatizando que é preciso refocalizar os objetos que tradicionalmente tem estudado; que é preciso repensar a centralidade que a observação participante tem na delimitação das pesquisas; que é preciso abandonar a idéia de que é necessário uma identificação empática com os informantes para apreender as categorias através das quais eles operam.

As pesquisas antropológicas sobre a velhice especialmente aquelas voltadas para uma etnografia da nossa própria sociedade é um campo privilegiado para experimentação teórica e metodológica e para o exercício de posturas hemerísticas e engajadas. Inspirada em MYERHOFF, DEBERT diz que o estudo antropológico da velhice conhece “um outro” que não é um “um outro” distante do outro lado do oceano, do outro lado da cidade – nem “um outro” próximo do que eventualmente já fomos – crianças, jovens, participantes ativos de movimentos sociais, mas “um outro” que um dia serei.

Divulgando novas formas de gerir o tempo, o trabalho, o lazer, o corpo, a solidariedade, entre gerações na família, enfim, este é um campo oportuno para reflexão sobre a questão clássica do vínculo social. A antropologia tem sido um alimento indispensável nos processos de reinvenção da velhice porque amplia nossos horizontes mostrando que há maneiras muitas distintas de viver o avanço da idade.

No núcleo “dos autores – parceiros” voltados ao tema do envelhecimento nasce na Espanha um vínculo importante com a autora TERESA SAN ROMAN que ultrapassou os limites das letras textuais da sua obra ícone da antropologia espanhola do envelhecimento: “*Verjez y Cultura: Hacia los límites del sistema*”

(1999). Aqui, especialmente, merece abrir um parêntese para a aula de antropologia que recebi no dia em que a entrevistei na Universidade Autônoma de Barcelona TERESA SAN ROMAN, mesmo adoentada trabalhava entre pesquisas e aulas e problematizou intensamente as primeiras questões que apresentei sobre o tema da velhice e no seu relato a orientar o *modus operandi* de minha pesquisa etnográfica disse-me ela que eu “deveria usar os clássicos da antropologia para a pesquisa etnográfica e ter a liberdade de ‘abandoná-los’ para me arriscar na aventura de novos diálogos com outros autores”. Apontou, tal como em seu livro, que é fundamental dar explicação às pautas comuns se é que elas existem, e à variabilidade na posição de status dos idosos e o trato que esse status recebe, assinala ainda, que as atitudes que se deslindam do status; a forma de conceber a velhice e a forma de se ver dos próprios velhos, sua intenção de adaptação a velhice; as estratégias que desenham e os meios com o que contam para realizar isso são fundamentais como foco de estudo antropológico. Acrescentando a isso os aspectos organizativos, em especial a consideração da *ansianidad* como uma etapa sócio temporal em dois contextos: o das outras etapas culturais e variavelmente pautas da vida e o contexto histórico em que vivem essas mesmas etapas de forma diferente a distintas coortes de idades mesmas sociedades. Tudo isso configuraria o período da velhice cultural e variadamente definida.

Um importante conceito fez-se elo indispensável no entendimento da velhice como construção social que foi o conceito de *curso de vida* trazido aqui pelas mãos de MIKEFEATHERSTONE E MIKEHEPHORTH (2000), que evidenciam que na cultura ocidental o envelhecimento é visto como um processo no qual o corpo e o curso de vida estão intimamente ligados de duas maneiras importantes. Primeiramente, existe a questão da finitude biológica do corpo humano: o aumento da expectativa de vida significa que, como nunca, um maior número de seres humanos estão envelhecendo e depois morrendo, sendo que a morte em idade avançada, é considerada cada vez mais a regra (...). Em segundo lugar, significa que os setenta anos bíblicos estão se tornando uma realidade demográfica.

Item II - Retalhos de vida de mulheres velhas

O estudo antropológico sobre as sociedades ocidentais contemporâneas urbanas, em virtude de sua complexidade, deve ser conduzido por uma hermenêutica tensionada pela necessária identificação de situações particulares, singularidades manifestas por sujeitos, indivíduos e suas histórias de vida, que estão entrelaçadas por processos societários de amplo espectro de ação. E as possíveis sínteses interpretativas que daí derivam, se envolvem numa arriscada “aventura antropológica”.

As experiências das mulheres velhas que estudei aparecem como uma colcha de retalhos que foi costurada alinhavando suas histórias de vida com a cidade de Belém como contexto. Na época da criação da Uniterci (década de 90) as atividades se dividiam em módulos de aulas em que os idosos participavam nas salas de aula da própria universidade.

Os assuntos abordados tinham como enfoque os aspectos biológicos, históricos e culturais da velhice referindo-se as transformações da população idosa no Brasil naquela década (90). As atividades mesclavam atividades de convivência (festividades, passeios, atividades físicas, visitas monitoradas) com conteúdos que eram veiculados inclusive em turmas dos cursos de graduação da UFPA (Serviço Social, Psicologia, Arte) no nível básico. O que permitia os idosos /alunos da Uniterci a assistir aulas junto com os alunos da graduação.

Isso foi muito significativo para a construção de um status de universitários que eles ganhavam. Para algumas idosas elas se classificavam como “calouras” quando incorporadas ao programa e quando havia o encerramento do programa elas diziam que estavam “colando grau”. Os conteúdos falavam dos novos conhecimentos sobre a fase da vida que corresponde ao envelhecimento desde o ponto de vista das alterações biopsicossociais e atividades que levavam a descobrir novos potenciais da velhice.

Os “ex-alunos da Uniterci” é assim como se classificavam aqueles idosos que terminando o programa básico proposto pela Uniterci, continuavam a participar na Universidade em outro espaço que é a Associação do Universitários da Terceira idade (ASSUNTI), este espaço foi criado pelos “concluintes” da primeira turma do programa. Neste espaço os idosos criaram o “Baile das terças” espaço este que se difere do caráter formativo da Uniterci, ali era um lugar mais destinado diversão. Foram entrevistados idosos e idosas da primeira até a décima turma, alguns foram encontrados a partir das atividades da ASSUNTI.

As histórias de vidas de Linda e Zênite, se tornaram textos que reconstruídos pela memória, revelaram a importância de saber que homens, gestores, instituições, lutas políticas, ciência, paradoxos e descontinuidades imprimiram os tons singulares da experiência de envelhecer em Belém.

Linda tinha 75 anos, aluna da primeira turma da Uniterci, viúva, mãe de 12 filhos e quatro enteados, avó de muitos netos (ela não quis contar quantos eram), três bisnetos, esteve casada durante 36 anos. Como viúva vivia com um salário mínimo e complementava sua renda com ajuda dos filhos que trabalhavam. Continuava freqüentando as atividades da ASSUNTI e das atividades do teatro oferecidas pela Uniterci em 2002.

Zênite, uma senhora de 1,40cm de altura, não se casou, mas adotou uma menina, que na ocasião da pesquisa, estava com 21 anos e com problemas mentais. Aposentou-se como costureira e autônoma, vivia por tanto, com 01 salário mínimo, cuidou das irmãs mais novas, filhas de outros casamentos de seu pai com 2ª e 3ª mulher, depois cuidou de sobrinhos filhos de sua irmã mais velha, as duas eram filhas do primeiro casamento de seu pai que foi com a mãe delas.

Em Belém, foi possível observar que a participação das pessoas idosas varia de acordo com a combinação de aspectos da vida social dos sujeitos que compõem um grupo social, por exemplo, os homens idosos têm maior participação como aposentados nas associações que os representam no Pará. Mas se evidencia maior participação das mulheres nos grupos de convivência para a chamada terceira idade e que elas participam das associações de aposentados como viúvas e pensionistas e não como aposentadas, o que representa como foi a sua participação no mercado de trabalho. As mulheres estudadas alunas da Uniterci no período de 90 a 2002 predominantemente eram donas de casa (como Linda e Zênite) e, costumavam em casa como forma de complementar renda familiar.

A participação das mulheres idosas em espaços como a Uniterci, e o fato de ser construído dentro da Universidade, representava para elas ocupar outros espaços na vida social para além do intrafamiliar, essa é diferença vivida na velhice por estas mulheres. A Uniterci passou a ser na década de 90, um novo espaço de referência para as pessoas idosas em Belém.

Elas aceitam o convite feito pela Uniterci que dizia na rádio: “para se inscrever basta saber ler e escrever”, ainda que sem entender muito bem o que propunha aquele espaço elas foram ocupar esse lugar. O fato da Uniterci está inserida no espaço de Universidade Pública avalizou para os idosos, o espaço como algo que possibilitaria a realização de sonhos que não puderam ser vividos em outras etapas do curso de vida, os quais foram impedidos pelas condições socioeconômicas, pelas relações familiares e culturais vividas pelas mulheres na juventude e maturidade.

Item III Desde o portão a sala de aula a trajetória de mulheres velhas na Universidade da Terceira Idade

Evidenciaremos neste item as experiências de mulheres que durante a velhice, encontraram um momento para construir novos projetos de vida e retomar sonhos e desejos que elas não puderam viver no passado. A Universidade da Terceira Idade, em Belém, aparece como espaço social, um lugar onde essas experiências puderam ser negociadas e que por este motivo, tem um significado específico para estas mulheres velhas.

A relevância deste aspecto consiste em mostrar o poder simbólico que representou para estas mulheres, ter conseguido atravessar o portão de entrada da Universidade Federal do Pará e ao chegar às salas de aula da Uniterci, negociaram um espaço de acesso a novos conhecimentos científicos, políticos, artísticos, e um espaço de lazer, confraternização, afetividade, conflitos, o que lhes possibilitou viver uma experiência distinta de velhice na

Da biografia dessas mulheres, se depreende que foi a experiência de não haver podido estudar a infância e nem na juventude o que lhes fez ver na Uniterci um lugar e um momento propício, na atual condição da sua velhice, para recriar experiências cotidianas de vida. Por em evidencia a estas experiências desde o ponto de vista da antropologia, só foi possível por que elas foram compreendidas como sínteses sociais construídas na interface entre o espaço social, o tempo e as histórias de vida desses sujeitos. Essa visão foi conduzida pela hipótese de que, só se pode compreender a velhice como construção social mediante as práticas sociais dos sujeitos que as vivenciam, no lugar onde eles as vivem nas condições possíveis de serem vividas e da maneira em que essas práticas conseguem relativizar experiências coletivas e dar visibilidade a diversidade cultural como expressão da vida social.

A construção de novos espaços sociais da velhice em Belém precipitou a Uniterci como uma província de significados. Em outras palavras, a Uniterci, se transformou em um espaço para a vivência de múltiplas experiências que foram significadas pelos sujeitos que ocuparam este lugar. E ao “enfrentamento” dessa relação, como uma possibilidade dentro do complexo jogo de negociação da realidade, sendo sempre difícil prever ou antecipar em que domínios ele poderá ocorrer (Velho 2006).

Sem embargo, as experiências dessas mulheres se distanciam muito de haver sido harmônica e linear, posto que os conflitos, os enfrentamentos de idéias e as práticas distintas e, inclusive, antagônicas, são possibilidades reais da vida social que é permanentemente negociada no mundo das relações sociais.

No jogo das negociações vividas pelas idosas, uma de suas reivindicações era poder manter práticas que identificassem sua decisão de participar da Uniterci como uma atitude que pudesse ser classificada como pertencente ao mundo universitário.

É interessante considerar que as mulheres velhas, cujos discursos foram privilegiados na investigação etnográfica, tinham mais de setenta anos no momento da investigação. D. Linda, por exemplo, tinha 73 anos e Zênite, 80 anos. Mas, quando elas fizeram o curso básico da Uniterci no início da década de 90, elas tinham menos de 70 anos.

O Estado do Para ainda na década de 70, apresentava, um numero enorme de analfabetos, crianças e adolescentes fora da escola, e uma deficiência avassaladora de docentes (COELHO: 2006) é na década de 80 que vamos assistir um avanço na educação no Brasil e no Pará, inclusive com a maior participação das mulheres como gestoras de escola tendo em vista que ela haviam adquirido uma gama de conhecimento educacional, garças a melhoria na formação de professores.

Mas o relevante é que neste contexto as mulheres de nossa pesquisa já estavam absorvidas pelo mundo privado da família, mesmo no caso de zênite que não casou, mas, como mulher e filha mais velha foi desempenhar os papeis designados para mulher no âmbito das tarefas domésticas. E em verdade eram universos que caminhavam paralelos, na medida em que havia um avanço na escolaridade das mulheres de classe média e alta, elas aprofundavam no mundo das tarefas dentro da casa. Vale ressaltar que os códigos que definiam os papeis femininos existiam para todas as classes, mas a escolaridade de segmentos de classe e a pratica da filantropia fora da casa foram elementos de ruptura com o enclausuramento da mulher no âmbito privado. (ÁLVARES,2001)

D. Linda com 15 filhos e Zênite que alem de cuidar da irmã, cuidou da filha, sua sobrinha e trouxe para “terminar de criar, os filhos de sua outra irmã”, aquela que veio com ela do nordeste. Como ela mesmo diz, viveu para criar os sobrinhos para quem costurava, já que seu pai disse-lhe que teria que ajudar no orçamento familiar ainda, assim como Linda também que encontrou na costura uma forma de ajudar no orçamento familiar.

Os códigos que disciplinavam a conduta das mulheres estiveram independentes de classe social vinculado ao “estado natural do casamento” como condição do “feminino”. A preparação da mulher para vida doméstica dava-se, no seu relacionamento familiar. e no caso de Zênite esse casamento foi com as obrigações familiares.

“Eu perdi praticamente a mocidade, tomei gosto (de criar sobrinhos) e ainda fiquei com três sobrinhos filhos dessa minha única irmã (do pai e mãe) essa que era danada quando era criança, teve 10 filhos e vivia muito aperreada (sem dinheiro), ai com pena dela eu mesma me ofereci para ficar com três, com as três crianças.” (Zênite, 80 anos)

As mulheres que freqüentam a Uniterci, em suas trajetórias não construíram projetos individuais e de realização pessoal e muito menos projetos que estivessem vinculados a escolaridade formal. Foi construído socialmente um “buraco” de meio século entre a ultima vez que estas mulheres estudaram e a entrada delas na Universidade, na velhice.

Na velhice elas se encontravam diante de uma sociedade contemporânea em complexas transformações, no que diz respeito aos papeis da mulher, e a associação dessas mudanças com as possibilidades de novas praticas a serem vividas na velhice fizeram da Uniterci um novo lugar para vivencias de mulheres velhas no mundo público, este espaço conquistado pelas mulheres paraenses como afirma Luzia Álvares em seu estudo sobre “Educação e (in) submissão feminina no Pará”:

“As mulheres começaram a descobrir que poderiam atuar em outras atividades, independentes dos papeis que lhes eram atribuídos, na área doméstica Isso contribuiu para criar-lhes uma maior percepção sobre os limites impostos a ampliação de seus conhecimentos e à sua presença em outros espaços. Nos textos aqui analisados, e em outros escritos femininos do período estudado, ressalta-se significativamente a perspicácia delas sobre a sua exclusão dessas áreas, onde parecem dizer. Nós somos mães esposas, filhas, mas também damos conta do trabalho masculino. Vão procurar trabalho e deixem a nossa vida em paz. E mais ou menos isso o que Ada Silva quer dizer , quando constrói os atributos do retrato masculino, semelhantes às mulheres: há homens ociosos como há mulheres inteligentes.” (ÁLVARES, 1994:219)

A uniterci, portanto, se configurou numa espécie de pagamento de uma dívida social do estado do Pará, para com essas mulheres que construíram entre ruptura e manutenções, entre ambigüidades e

novidades novos espaços de sociabilidade, reinventaram a velhice e suas vidas como mulheres e como cidadãs.

Arremate

Mas relevante se configurou o mergulho na realidade das idosas alunas da Uniterci, que na década de 90 encontra a possibilidade de entrar pelos portões da Universidade, coisa que havia sido impossível até então, em função do perfil sócio econômico dessas idosas, que predominante são pessoas pobres que vieram de famílias pobres também, com baixo nível de escolaridade não puderam entrar numa universidade para cursar um graduação. Tendo parado de estudar, predominantemente, no 4º ano do ensino fundamental viram impossível realizar o sonho de estudar principalmente quando se trata de mulheres idosos, que além das determinações econômicas e educacionais, estavam limitadas por valores imputados a sua condição de gênero e geração. Pois para sua geração, os papéis designados para as mulheres estava diretamente vinculado ao mundo privado e ao cuidado da família. Estas concepções do espaço da mulher na sociedade retirou dessas mulheres a oportunidade de ocupar um espaço no mundo público que as colocasse numa universidade, muito embora isso fosse um desejo alimentado a vida toda e resgatado na velhice.

O mundo privado, espaço em que estas mulheres estiveram mais vinculadas, ao longo do curso de vida, não as impediu de acompanhar os acontecimentos do mundo “fora” elas alegam ter acompanhado as transformações da sociedade a ponto de que foram capazes de estar atentas na velhice para as novas oportunidades construídas socialmente.

REFERÊNCIAS

- ÁLVARES, Maria Luiza Miranda 1995 “Memórias e imagens do feminismo e das ligas partidárias no “Pará: 1910-1937”, em Maria Luiza Miranda Álvares; Maria Ângela D’ incao (Orgs.). *A Mulher existe? Uma contribuição ao estudo da Mulher e gênero na Amazônia*. Belém: GEPEM, 133-154.
- ÁLVARES, Maria Luiza Miranda; D’ INCAO, Maria Ângela; SANTOS, Eunice Ferreira (Orgs.) 2001 *Mulher e Modernidade na Amazônia*. Belém: GEPEM/CFCH/UFPA.
- CARDOSO de OLIVEIRA, Roberto 2000 *O trabalho do Antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP.
- COELHO, Wilma Bahia 2006 *A cor ausente*. Belém: Unama/ Mazza Edições.
- VELHO, Gilberto. 1999a *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- 1999b. *Projeto e metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- DEBERT, Guita Grin 1986 “Problemas relativos à utilização da história de vida e história Oral”, em Ruth Cardoso (Org.). *A Aventura Antropológica: Teoria E Pesquisa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 141-156. 1997.
- A antropologia e os novos desafios nos estudos de cultura e “Política”, *Revista Eletrônica Política e trabalho*. 13: 165-177. 1998. “Pressupostos da Reflexão Antropológica sobre a Velhice”, em Guita Grin Debert (Org.). *Antropologia e Velhice*. Coleção textos Didáticos. Campinas: SP: IFCH/ UNICAMP, 13: 7-27.
- 1999a
- A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp. 1999b
- A construção e a reconstrução da Velhice: Família, Classe “Social e Etnicidade”, em Anita Liberalesso Néri, Guita Grin Debert (Orgs.). *Velhice e Sociedade*. Campinas: São Paulo: Papyrus, 41-68. 2000.
- Terceira Idade e solidariedade entre gerações , em Guita Grin Debert; Donna M. Goldedstein. (Orgs.). *Políticas do Corpo e o Curso da Vida*. São Paulo: Sumaré, 301-317.
- DEBERT, Guita G.; SIMÕES, Julio Assis 1998. A aposentadoria e a invenção da “terceira idade”, em Guita Grin Debert (Org.). *Antropologia e Velhice*. Coleção textos Didáticos. Campinas: SP: IFCH/ UNICAMP, 13: 29-44.
- FEATHERSTONE, Mike y HEPWORTH, Mike 2000 “Envelhecimento, tecnologia e o curso da vida incorporado”, em Guita Grin Debert; Donna M. Goldedstein. (Orgs.). *Políticas do Corpo e O Curso da Vida*. São Paulo: Sumaré, 109-132.
- GEERTZ, Clifford 1997 *O Saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2000 *La Interpretación de las Culturas*. Barcelona: Gedisa.
- LISÓN, Carmelo Tolosana (Coord.) 1998 “Trabajo de campo”, em Carmelo Lisón Tolosana (Ed.), *Antropologia: horizontes teóricos*. Granada: Comares.

SAN ROMÁN, Teresa 1990 *Vejez y Cultura: hacia los límites del sistema*. Barcelona: Fundación Caja de Pensiones.